



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

VARIABILIDADE FORMAL E PRODUTIVA DA CERÂMICA MODERNA NA CIDADE DE BRAGA: ESTUDO DE CASO

Lara Fernandes¹, Manuela Martins², Maria do Carmo Franco Ribeiro³

RESUMO

Os estudos realizados sobre as dinâmicas económicas de Portugal em época moderna, e em especial aqueles que abordam os materiais cerâmicos, são ainda algo deficitários. Com efeito, os trabalhos realizados nas últimas décadas, na sua maioria, dedicam-se à sistematização da produção de olarias e fábricas, ou ao consumo desses objetos, seja em instituições políticas ou religiosas, seja a partir de intervenções parcelares realizadas em centros urbanos.

Da mesma forma, a situação em Braga é semelhante, faltando um estudo sobre os processos económicos e sociais em época moderna que realize uma síntese dos padrões de consumo do material cerâmico na efervescente cidade pós-medieval. Assim procuramos com a investigação que temos vindo a realizar, dos materiais identificados em várias intervenções arqueológicas em Braga, colmatar este vazio.

Neste trabalho procuramos apresentar o material cerâmico de época moderna, identificado na escavação realizada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, no edifício n.º 20-28 da rua Afonso Henriques e n.º 1-3 da rua de Santo António das Travessas, através de uma abordagem tecnológica destes materiais, de forma a realizar uma primeira abordagem da variabilidade formal e produtiva, entre os séculos XVI e XVIII, na cidade de Braga, centrando-nos nas produções comuns e vidradas.

Palavras-chave: Época Moderna; Cerâmica; Economia.

ABSTRACT

The studies undertaken on the economic dynamics of Portugal in the modern period, and especially those dealing with ceramic materials, are still somewhat lacking. In fact, most of the work carried out in recent decades has been dedicated to systematising the production of the workshops and factories, or the consumption of these objects, whether in political or religious institutions, or from piecemeal interventions in urban centres.

In the same way, the situation in Braga is similar, lacking a study of economic and social processes in the modern period that would synthesize the consumption patterns of pottery in the effervescent post-medieval city. With the research we have been carrying out on materials identified in various archaeological interventions in Braga, we have tried to fill this gap.

In this work we try to present the modern period pottery identified in the excavations made by the Archaeology Unit of the University of Minho, in the building numbers 20-28 of the Afonso Henriques Street and numbers 1-3 of the Santo António das Travessas Street, through a technological approach of these materials, in order to make a first approach to the formal and productive variability between the 16th and 18th centuries in the city of Braga, focusing on common wares and glazed wares productions.

Keywords: Modern Period; Pottery; Economy.

1. Bolseira FCT UI/BD/151427/2021; Lab2PT; UMinho / lararitafernandes@gmail.com

2. Professora Emérita de Arqueologia da Universidade do Minho / mmmartins@uaum.uminho.pt

3. Professora auxiliar da Universidade do Minho; UAUM; Lab2PT / mcribeiro@uaum.uminho.pt

1. O SÉCULO XIX E INÍCIOS DO XX – VALORIZAÇÃO E RECUPERAÇÃO

Sabemos que a partir do século XIX, nasce um movimento a nível nacional pelo reviver da antiguidade, procurando valorizar os materiais que fizeram parte do passado e o recuperar da memória das artes tradicionais portuguesas. Neste momento, observamos o desejo pela criação, por parte de certos grupos de elite, de exposições que procuraram dar destaque a um conjunto de materialidades, entre as quais se destacaram os recipientes cerâmicos, principalmente no que às peças em faiança diz respeito. Este recuperar de memória vê-se expresso através da criação de exposições distribuídas pelo país, iniciadas no ano de 1882, nas cidades de Lisboa, Aveiro e Porto. Resultado destas, surgem catálogos expondo as peças em destaque nas exposições, atraindo assim a atenção dos estudiosos para o tema da cerâmica de época moderna. Realçamos os primeiros trabalhos de síntese publicados, tais como, o de António Augusto Gonçalves (1899), que procura dar destaque à cerâmica distrital de Coimbra, Charles Lepierre (1899), que faz uma análise química e tecnológica das produções cerâmicas portuguesas, José Queiroz (1907; 1913), o qual procura realizar uma análise da produção cerâmica portuguesa, a publicação de Carolina Michaelis de Vasconcellos (1921), onde realiza uma análise de um grupo de recipientes, produzindo o trabalho intitulado *Algumas palavras a respeito dos púcaros de Portugal*, Joaquim Teixeira de Carvalho (1921), com uma análise da cerâmica Coimbrã do séc. XVI e de Adelino Mello (1924), que no livro *História da Cerâmica em Coimbra: Apontamentos*, realiza um importante estudo histórico-técnico com foco regional. Ao longo do século XX vemos diminuir o número tanto de exposições como de trabalhos sobre o tema, que continuam a surgir, porém num número reduzido comparativamente aos finais do séc. XIX e inícios do XX.

2. FINAIS DO SÉCULO XX E O SÉCULO XXI – A ARQUEOLOGIA URBANA E A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Nos finais do século XX, especificamente nos finais da década de oitenta e início da década seguinte, vemos aumentar novamente o número de trabalhos, resultado principalmente da intensificação da atividade arqueológica a nível urbano. O grande número

de intervenções a nível nacional originou o acumular de grandes quantidades de material cerâmico, o que levou ao interesse pelo estudo das peças de Época Moderna, aumentando o número de publicações sobre os recipientes cerâmicos deste período, que passam agora a ser abordados com base nos contextos arqueológicos em que são identificados.

Realiza-se no ano de 1987 o *Encontro da Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, onde são apresentadas algumas das peças e produções cerâmicas de contextos modernos, surgindo várias publicações sobre o tema. Contudo aquele que é o ponto de viragem nos estudos da cerâmica moderna, diz respeito à realização das *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval* realizadas em Tondela, divididas em quatro sessões realizadas entre os anos de 1992 e 2000, resultando na publicação de atas de congresso, entre 1995 e 2008.

Já no ano de 1995 nasce o *Projeto para o estudo das produções cerâmicas da Região Norte – PROCEN*. Fruto do interesse do conjunto de investigadores que integram o projeto, é então criada, no ano seguinte, a publicação periódica da *Revista Olaria*, iniciada em 1996 até ao ano de 2008/10. A criação desta revista procurou colmatar o vazio de publicações dedicadas ao estudo de produções cerâmicas da região norte, onde surgem diversos trabalhos de grande importância para a investigação, focados numa baliza cronológica entre o período medieval e o contemporâneo. Não obstante, começam a surgir nas últimas décadas, outros trabalhos que se dedicam ao estudo do consumo de recipientes em instituições, como os mosteiros de S. João de Tarouca (Sebastian, 2015), Santa Marinha da Costa (Freitas, 2013), Santa Maria de Alcobaça (Bernarda, 2001), assim como da Casa do Infante (Barreira, Dordio & Teixeira, 1998) e Casa Côrte-Real (Sabrosa, 2008). Além destes, dispomos de estudos que privilegiaram análises sobre os aspetos decorativos e estilísticos dos recipientes (Casimiro, 2013), bem como sobre as suas características tecnológicas (Sebastian, 2010; Coelho, 2012). E ainda, relevantes trabalhos na procura pela normalização do discurso científico e uniformização de critérios metodológicos no estudo de coleções cerâmicas, como o trabalho de Jacinta Bugalhão e Inês Coelho (2017), no qual apresentam uma proposta tipológica para os objetos cerâmicos produzidos e utilizados em Lisboa, no período moderno.

A realidade dos estudos cerâmicos de época moderna em Braga, em comparação com a do contex-

to nacional é ainda muito limitada. A análise destes materiais tem sido alvo de estudos muito pontuais referidos em relatórios de escavação, porém sem estudo aprofundado, mas também de instituições, tais como o caso do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. Esta intervenção permitiu exumar um conjunto avultado de cerâmica, cuja análise resultou no trabalho de Luís Fontes, Isabel Fernandes e Fernando Castro (1998), no qual procuraram estudar as peças de louça preta decoradas com moscovite, com base na análise química das mesmas e o do cruzamento com os contextos estratigráficos onde estas foram identificadas, datando estes recipientes entre a segunda metade do século XVI e o século XVIII.

A cidade de Braga conta com um longo período de atuação a nível da arqueologia urbana, resultado do Projeto de Salvamento de Bracara Augusta, iniciado em 1976, e que perdura até à atualidade, no âmbito do Projeto de Investigação Plurianual de Arqueologia (PIPA) Projeto de Arqueologia de Braga, desenvolvido pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, o qual compreende mais de três centenas de intervenções arqueológicas no Centro Histórico de Braga e na periferia imediata da cidade. Os trabalhos arqueológicos levados a cabo nestes últimos 47 anos de projeto, num extenso conjunto de zonas arqueológicas, permitiram a obtenção de um enorme acervo de dados e materialidades, alguns dos quais profusamente estudados, porém no panorama do estudo dos materiais cerâmicos de época moderna faltam estudos de síntese sobre as produções importadas e as regionais que possam fornecer um quadro evolutivo dos contextos dos séculos XVI, XVII e XVIII de Braga e assim permitir abordar questões socioeconómicas da cidade moderna.

3. ESTUDO DE CASO

A intervenção que será alvo de análise neste trabalho, realizou-se no edifício situado no gaveto da rua D. Afonso Henriques nº 20-28, com a rua de Santo António das Travessas nº 1-3, em Braga, resultado da intenção de instalação de uma unidade hoteleira no local. Esta trata-se de uma área de grande potencialidade arqueológica, estando localizada no Centro Histórico de Braga e em cujas proximidades, foram anteriormente identificadas ruínas arqueológicas do período romano e medieval, tais como um trecho da cloaca romana (no ex-Albergue Distrital, atual Biblioteca Lúcio Craveiro) (Torres, 2014, p. 31), parte

de uma *domus* romana e trecho das cercas alto e baixo medievais (na ex-escola da Sé, atual Junta de Freguesia da Sé) (Magalhães, 2019, p. 114), no chamado quarteirão das Carvalheiras, foram identificadas ruas que limitam um quarteirão integralmente construído (Magalhães, 2019, p. 52) e por último, edificações romanas e medievais detetadas na rua de Santo António das Travessas (Lemos & Leite, 2000). Assim, entre os finais do ano de 2008 e inícios 2009, realizaram-se no lote de construção trabalhos de campo, assegurados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, de forma a assegurar a salvaguarda de possíveis vestígios arqueológicos. Os trabalhos iniciaram-se pela realização de sondagens prévias ao início do trabalho de construção, as quais revelaram um conjunto de dados arqueológicos de grande relevância para a caracterização das distintas fases de ocupação do local, sendo que se verificou uma longa ocupação deste o período romano até ao contemporâneo.

A análise estratigráfica, a par dos materiais exumados, permitiu estabelecer diferentes fases de ocupação, sendo que do período romano, verificou-se a presença de muros e valas de fundação deste tipo de construções, assim como estruturas hidráulicas (Fase I), que são durante o Baixo Império (século III/IV) desativadas e substituídas por outras (Fase II). Da fase seguinte, conservam-se, apenas, os níveis de derrube que sobrepõem as anteriores construções. Não foi possível identificar estruturas, porém o material exumado destas camadas, permitiu datar esta fase da transição da Antiguidade Tardia para a Idade Média (séc. V/X) (Fase III).

Para o período balizado entre os séculos XIII e XV (Fase IV), apenas foi identificada uma conduta, com função de drenagem de águas. Mau grado, nesta intervenção não foi possível distinguir edificações medievais, tendo-se apenas verificado aterros com materiais deste período, nomeadamente cerâmica tipo “Sr.^a do Leite”.

O período moderno é principiado na cidade de Braga, a partir do século XVI, com a intervenção do Arcebispo D. Diogo de Sousa. Neste momento, a cidade sofre novamente profundas alterações, marcadas pela expansão desta para fora da área circunscrita pela muralha, quebrando os limites definidos pela estrutura defensiva. Este dignatário religioso alterou o espaço interno da área amuralhada, através da regularização e acrescento de novas ruas, criando na área extramuros, cinco campos, com localização

estratégica, junto das principais portas da cidade, articulando o seu interior com o exterior, que irá determinar o seu futuro desenvolvimento, a fisionomia radial das suas saídas periféricas e a transformação do ritmo e intensidade das relações entre esses espaços (Maurício, 2000, p. 25).

No local onde se encontra a intervenção analisada, durante o período moderno registam-se várias alterações. Até o ano de 1466, a comunidade judaica, viveu na rua de Santa Maria (atual rua Dom Gonçalo Pereira), próxima da Catedral, tendo sido transferidos, forçosamente, para a antiga rua da Triparia (Maurício, 2000, p. 24), que a partir desta data, passa a chamar-se rua da Judiaria Nova, sendo que esta encontra-se bastante afastada da Catedral e num dos limites da cidade (Portocarrero, 2010, p. 33). Passados trinta anos, com a expulsão dos judeus do território nacional, em 1496, esta rua passa a chamar-se rua de Santo António, acrescentando-se mais tarde, em 1942, o topónimo Travessas (Vasconcelos, 1992, p. 18).

Assim, analisaremos com mais pormenor as fases de ocupação na intervenção em análise, indicadas como Fases IV a VI, balizadas entre o século XV e os inícios do século XIX, sendo aquelas que dizem respeito ao período que abordaremos neste trabalho.

A análise estratigráfica, a par da do material exumado, indica que as estruturas do período moderno, à exceção de uma calçada, foram demolidas e o terreno desaterrado para a construção do edifício dos séculos XVIII/XX (fases VII a IX), sendo que na última fase, é possível verificar estratigraficamente, o processo de renovação urbana realizado neste local, que correspondeu à abertura e regularização das ruas D. Frei Caetano Brandão e D. Afonso Henriques, circunstância que podemos verificar na cartografia, mais especificamente no Mapa de Goullard de 1883/84 (Fig. 1). O mapa permite perceber o alargamento da Travessa das Chagas, em 1892, que recebe o nome de rua Nova d'El Rei, passando a chamar-se, depois de 24 de fevereiro de 1944, rua D. Afonso Henriques, toponímia que mantém até à atualidade (Oliveira, 1982). Esta operação urbanística, implicou terraplanagens e a demolição de parte do edifício, tendo sobrevivido apenas vestígios mais antigos, particularmente os implantados no substrato rochoso, que dizem respeito à fase I correspondentes ao período romano, sendo eliminados aqueles que seriam posteriores. Por este motivo, os materiais correspondentes ao período moderno encontram-se

essencialmente em grandes níveis de enchimento para a regularização da cota. Não obstante, é significativo o conjunto cerâmico exumado durante esta intervenção, quer quantitativamente como qualitativamente.

4. METODOLOGIA

A abordagem metodológica baseou-se na revisão sistemática da documentação de campo da intervenção, de forma a compreender a sequência estratigráfica do sítio arqueológico e consequentemente, trabalhar a partir dos níveis que disponibilizam materiais cerâmicos do período moderno.

Assim, foram selecionados materiais das UEs 002=006, que resultaram da intervenção urbana realizada, que permitiu o alargamento da rua que ladeia o lote de construção, tendo sido referidos como grandes níveis revolvimento responsáveis pelo nivelamento para a regularização da cota de circulação. Além destes, foi selecionada a UE 014, representando a preparação para o assentamento de uma calçada e ainda as UEs 050 e 058, representando níveis de derrube de possíveis muros que representariam o edificado de época moderna.

Apesar da escassez de construções do período moderno, o estudo dos materiais presentes nestas camadas possibilita uma análise mais extensa das formas e produções consumidas na cidade que recobrem todo o período entre o século XVI e XVII. Assim o objetivo deste trabalho é apresentar as tipologias para os objetos cerâmicos, com foco nas produções comuns e vidradas, tendo em conta a quantidade significativa de peças presentes nestas camadas e que menos vezes são referidos nas análises tecno-tipológicas, que por norma dão grande destaque às produções esmaltadas, quer importadas, quer de produção nacional, sendo que as produções comuns e por vezes também as vidradas, são menos abordadas, por também representarem maior dificuldade de análise.

A seleção dos recipientes representados neste trabalho foi realizada através de um conjunto de critérios: exemplares que correspondam a uma boa amostra para a representação do seu grupo tipológico; grau de integridade, procurando selecionar objetos completos; na impossibilidade de escolha de objetos completos, optou-se por recipientes relevantes pelas suas características, decorativas, técnicas e, especialmente, formais; organização do conjunto selecionado em grupos de acordo com a sua funcionalidade,

ou seja, loiça de cozinha, loiça de mesa e loiça de armazenamento e transporte.

5. A CERÂMICA

Na Zona Arqueológica da rua D. Afonso Henriques nº 20-28 identificou-se um avultado conjunto cerâmico do período moderno presente em grandes níveis de enchimento que dizem respeito ao processo de renovação urbana quando se dá o alargamento da Travessa das Chagas.

Dentro deste conjunto, foi possível identificar objetos cerâmicos, de produção comum e vidrada, que compõem três grupos de funcionalidade correspondendo a loiça de cozinha, loiça de mesa e loiça de armazenamento e transporte. Embora, estes sejam os principais grupos de funcionalidade onde se incluem estes recipientes, devemos sempre considerar a possibilidade de múltiplas funcionalidades para estes objetos, porém é certo que a grande maioria destes foram produzidos na procura de oferecer uma finalidade principal que é aquela em que nos focaremos neste trabalho.

5.1. Loiça de cozinha

Dentro do grupo de loiça de cozinha podemos destacar um conjunto de produções comuns e vidradas que serviram para este propósito, destacando-se as formas de cântaros, testos, panelas, alguidares, serôs e çauilas.

No que diz respeito às produções comuns (Fig. 2) encontram-se os **cântaros** utilizados para servir e armazenar líquidos. Trata-se de recipientes fechados, de corpo ovoide e fundo plano, podendo apresentar ou não asas (Fig. 2b e 2a, respetivamente), que nascem do bordo e um gargalo relativamente fechado formando um colo troncocónico invertido, na grande maioria reto com uma reduzida inclinação para o exterior. Entre estes, observamos um conjunto de objetos que diferem nas suas dimensões, variando o diâmetro do bordo entre os 14 e os 44 cm.

Por sua vez, as **panelas** correspondem a recipientes de forma fechada, de corpo ovoide ou globular, que podem ou não possuir asa (Fig. 2d e 2e). Apresentam bordo extrovertido, por vezes com ligeira carena estrangulando a área do bordo, como forma de criar superfície para assentar os **testos**. Apresenta variações de lábio, entre os quais se identificam panelas de lábio arredondado, semicircular, triangular e afilado. O diâmetro dos bordos varia entre os 12,4 e os

16,4 cm, apresentando algumas destas uma superfície externa com marcas de utilização destas peças sobre o fogo.

Destacamos dois fragmentos que surgem com forma e temática decorativa semelhante, correspondendo um deles a uma produção comum e outro a vidrada. Dizem respeito, a dois fundos planos, de corpo troncocónico sendo um deles vidrado no interior. A superfície externa apresenta uma decoração com linhas incisadas onduladas, sendo que no caso do fragmento vidrado acrescem duas linhas incisadas, sendo uma delas sobreposta pela incisão ondular. Embora não seja possível identificar com precisão, uma vez que os fragmentos são de reduzida dimensão, parece-nos tratar-se de **fogareiros** (Fig. 3), tendo em conta o diâmetro da base (17 cm no caso da peça vidrada e 19 cm no fragmento de cerâmica comum) e o formato do corpo inferior, porém estes não apresentam marcas de utilização de fogo e os fragmentos não conservaram a possível abertura onde se depositam as brasas.

No que diz respeito à loiça vidrada (Fig. 4), esta diferencia-se da cerâmica comum por apresentar superfícies vidradas com função de impermeabilização da superfície, especialmente interna, porém nas quais identificamos formas idênticas às produções comuns, como são exemplo os **cântaros**. Estes, evidenciam recipientes de dimensões bastante variadas, com diâmetro do bordo que varia entre os 20 e os 50 cm, de duas asas de secção fitiforme, que partem do bordo, sendo que no caso do exemplar de maior dimensão se encontra decorado com aplicação plástica, formando linhas onduladas marcadas na peça anteriormente, procedendo-se ao cozimento *a posteriori*. As **çauilas** vidradas identificadas nesta intervenção, sugerem pertencer ao tipo 1 referido no trabalho realizado na Casa do Infante, no qual foram identificadas, com características em tudo idênticas, çauilas em depósitos balizados entre o primeiro terço do séc. XVII e o terceiro quartel do séc. XVIII. Apresentam-se como formas abertas, com paredes inclinadas para o exterior, exibindo alguns exemplares marcas de utilização de fogo. Podem ou não apresentar asa (Fig. 4a, 4b e 4c). Quando com asas, são duas horizontais, de secção redonda (Fig. 4a) ou uma pega horizontal junto do bordo possuindo também um bico (Fig. 4b). O bordo é espessado com forma de sobarba com inclinação mais ou menos acentuada para o interior, diferenciando-as assim do tipo 2, em que os bordos são menos introvertidos (Barreira,

Dordio & Teixeira, 1998, p. 164). As dimensões do bordo variam entre os 46 e os 11 cm.

A **sertã**, corresponde a uma forma aberta, de paredes baixas e oblíquas para o exterior, que assentam num fundo raso ligeiramente côncavo pelo interior, sendo o seu interior vidrado, assim como o bordo.

As peças que mais se destacam dentro desta produção são os **alguidares**, correspondendo a recipientes abertos de corpo troncocónico invertido, com paredes oblíquas e fundo raso ou ônfalo, na sua grande maioria vidrados pelo interior, apresentando também a aplicação do vidrado no bordo, este por sua vez extrovertido. Trata-se de recipientes de grandes dimensões, cujo diâmetro dos bordos varia entre os 60 e os 34 cm e os das bases entre os 14 e os 34 cm.

Ainda dentro do grupo de loiça de cozinha temos os **testos**. A peça representada, apresenta forma troncocónica invertida, assentando numa base plana e finalizada no topo por uma pega, que no caso do fragmento que apresentamos não se conservou.

5.2. Loiça de mesa

Entre a loiça de mesa encontramos peças tanto de produção vidrada como comum, que se distribuem pelas formas de pucarinhos, pratos e tigelas.

O **pucarinho** aqui representado (Fig. 5), trata-se de uma forma fechada, de bordo vertical e lábio arredondado, com fundo plano. Apresenta duas asas horizontais, que se dispõem imediatamente abaixo do colo, este por sua vez decorado com quatro linhas incisadas desenhadas antes da aplicação do vidrado, que se encontra na totalidade da superfície interna assim como da externa. Quanto ao bordo, distingue-se um diâmetro de 7,5 cm e um fundo ligeiramente menor com 6,8 cm.

Relativamente aos **pratos** (Fig. 5), usados para servir à mesa ou comer alimentos sólidos, geralmente para uso individual, podendo ser de uso coletivo quando se trata de peças de maiores dimensões (Bugalhão & Coelho, 2017, p. 125). Correspondem a formas abertas, com altura significativamente inferior à largura, podendo apresentar carena na parede próxima do fundo, sendo estes maioritariamente planos ou ligeiramente côncavos. De bordo espessado ou triangular e aba larga extrovertida, acompanhando as paredes de perfil troncocónico invertido. Os exemplares aqui destacados, apresentam na sua totalidade uma superfície vidrada, com diâmetro dos bordos que varia entre os 18 e 40 cm, estando assim representados os de uso individual assim como para uso coletivo.

Por último, as **tigelas**, encontram-se representadas num número considerável, destacando-se nas produções vidradas e comuns com características semelhantes. Dizem respeito a recipientes de pequena e média dimensão com diâmetro do bordo que varia entre os 17 e os 10,4 cm, sendo estes tanto extrovertidos, como introvertidos e com lábio arredondado ou semicircular. De forma aberta, com corpo ovoide, de feição curva e aberta ou carenada, apresentando em alguns casos uma linha incisa na superfície externa, localizada imediatamente abaixo do bordo, destacando-o. O fundo é, maioritariamente, plano, porém os exemplares identificados nesta intervenção, em geral não conservaram o fundo, contudo podemos apontar, que à semelhança de paralelos identificados na intervenção realizada na Casa do Infante (Barreira, Dordio & Teixeira, 1998, pp. 165-166, 170) e na análise de Inês Coelho, que estudou uma das maiores coleções de cerâmica comum portuguesa do período moderno, provenientes do sítio arqueológico Ria de Aveiro B-C (Coelho, 2012, pp. 759-760), estas apresentem também pé anelar ou ligeiramente convexo. A presença de marcas de utilização de fogo neste tipo de recipientes, revela ainda que estas formas não eram utilizadas exclusivamente na apresentação à mesa sendo também estas utilizadas na preparação de alimentos sobre lume.

5.3. Loiça de armazenamento e transporte

Dentro do grupo de loiça de armazenamento e transporte, indicamos as **talhas** em cerâmica vidrada. Estes recipientes, seriam utilizados no armazenamento de líquidos ou cereais (Bugalhão & Coelho, 2017, p. 131).

Correspondem a peças grandes, com dimensão dos bordos que varia entre os 17,7 e 19,2 cm, retos ou ligeiramente extrovertidos, com lábio de inflexão dupla, seguindo-se ao bordo um colo reto. As peças, apresentam vidrado tanto na superfície externa, como na interna.

6. CENTROS PRODUTORES E DE ABASTECIMENTO

No que diz respeito à proveniência da loiça analisada ao longo deste trabalho, apresentamos três centros produtores.

O primeiro diz respeito a **Prado** que conta com uma longa história de produção cerâmica que abastece a cidade de Braga desde o período romano, à data,

Bracara Augusta. Deste centro podemos observar loiça vermelha, preta (não se encontra representada nas peças analisadas) e vidrada (Barreira, Dordio & Teixeira, 1998, p. 182). Em relação às **produções comuns** de Prado, entre a loiça vermelha não vidrada, identificamos pastas vermelhas não vidradas, com cerne de tonalidade acastanhada ou rosada e exterior de cor castanha ou bege. Esta produção apresenta formas como, os cântaros, panelas, testos e tigelas e um possível fogareiro. Quanto à **cerâmica vidrada**, é representado por pastas claras, apresentando fraturas de distintas tonalidades, entre as rosadas, beges, em alguns casos apresentando uma cor acinzentada junto da superfície externa. Exibem vidrado total essencialmente no interior e ocasionalmente no exterior, sendo que a maioria dos recipientes apenas apresentam na área do bordo. As tonalidades do vidrado variam entre o cinzento-esverdeado e tonalidades acastanhadas, resultado da presença de ferro ou de concentração diferente de vidrado, apresentando por vezes dupla coloração com aspeto mosqueado, também presentes nos paralelos identificados na Casa do Infante (Barreira, Dordio & Teixeira, 1998, p. 163). As formas desta produção, identificadas na intervenção em análise revelam recipientes equivalentes a algumas formas comuns, tais como os cântaros, tigelas e testos, assim como um possível fogareiro, evidenciando ainda alguidares, caçoilas, sertãs, pratos, talhas e pucarinhos.

Um outro centro identificado diz respeito às olarias de **Aveiro e Ovar**, com a produção de louças vermelhas, características pelas suas pastas vermelho-alaranjadas, por vezes com um tom acastanhado ou de dupla coloração, com veio central de cor cinzenta e periferia castanho avermelhado, sendo salientada a superfície interna por um engobe vermelho ligeiramente mais escuro do que o da pasta ou levemente acastanhado (Coelho, 2012, pp. 758-759). Apresenta uma decoração com linhas verticais, onduladas ou linhas concêntricas, que resultam do acabamento bruido dado a estas peças. Pode ainda apresentar por vezes decorações incisas ou impressas. Dentro deste grupo de produção foram identificados recipientes, tais como, um cântaro (Fig. 2c) e tigelas (Fig. 5b). Por último, surge um prato vidrado (Fig. 5a), possivelmente de produção **sevilhana**. Apresenta uma pasta de cor bege clara, com elementos não plásticos de pequena dimensão (finos) e dura e uma superfície interna vidrada a verde-escuro, distinta das produções locais e característica desta produção.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado, representa o resultado da análise do avultado conjunto cerâmico de época moderna, exumado no sítio arqueológico localizado no edifício situado no gaveto da rua D. Afonso Henriques nº 20-28, com a rua de Santo António das Travessas nº 1-3, em Braga.

Embora estratigraficamente estes materiais se encontrassem em níveis de revolvimento, não deixamos de os considerar como um importante contributo para o conhecimento do consumo cerâmico na cidade de Braga durante o período moderno, com enfoque nas produções vidradas e comuns. Assim, procurámos realizar um estudo do ponto de vista morfológico e decorativo, com o objetivo de apresentar um modesto quadro tipológico com os recipientes identificados nesta intervenção.

No caso do espólio correspondente à produção comum, contamos com peças dos centros oleiros de Prado e Aveiro/Ovar, sendo que estas predominam no espólio exumado integrando os grupos de loiça de mesa e de cozinha. Porém, quando comparado o número de formas de cada um dos grupos, no que diz respeito às loiças de cozinha há uma maior diversidade nas formas de produção comum, sendo geralmente realizadas peças com fim utilitário de uso doméstico, como cântaros, panelas, testos e um fogareiro. Apresentam grande variabilidade dimensional, estando representadas por recipientes de grande, média e pequena dimensão. De notar que em parte destas peças é possível identificar marcas de uso de fogo, evidenciando a utilização destas na preparação de alimentos, mas também no aquecimento de espaços, como é o caso do fogareiro. Na loiça de mesa apresentamos essencialmente tigelas.

Relativamente às produções vidradas, observamos a presença de recipientes provenientes do centro de Prado (os quais são a maioria) e exemplares de produções sevilhanas. As peças vidradas integram também o grupo de loiça de cozinha, com formas, tais como: cântaro, testo, caçoilas, sertãs e alguidares. De novo, parte destas apresentam áreas com manchas negras resultado da utilização das mesmas sobre fogo, principalmente no que se refere às caçoilas. Quanto às formas de mesa, integram este grupo os pucarinhos, pratos e tigelas. Dentro desta produção, destacamos ainda as talhas, representando grandes recipientes utilizados no armazenamento e transporte.

Em suma, torna-se evidente a importância de uma análise aprofundada das produções de época moderna, tendo em conta a grande variabilidade identificada nesta análise, sendo que, devemos apontar que mais formas constarão no conjunto do espólio cerâmico moderno da cidade de Braga, tendo em conta que neste trabalho apenas apresentamos uma amostragem do material fornecido pelas escavações. No entanto, podemos considerar que as produções identificadas fornecem relevantes informações sobre a tecnologia e a organização das redes de produção e distribuição que abasteceram Braga ao longo do período moderno, importantes para a compreensão do desenvolvimento da economia e dos costumes da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRA, Paula; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, pp. 145-184.

BERNARDA, João (2001) – *A loiça de Alcobaca*, Porto, Edições Asa.

BUGALHÃO, Jacinta, & COELHO, Inês (2017) – Cerâmica moderna de Lisboa: proposta tipológica. In A. Caessa, C. Nozes, I. Cameira, & R. B. d. Silva, eds., *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. CAL/DPC/DMC/CML, pp. 106-145.

CARVALHO, Joaquim (1921) – *A Cerâmica Coimbrã no século XVI*. Imprensa da Universidade.

CASIMIRO, Tânia (2013) – Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística, *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16: 1, pp. 351-367.

COELHO, Inês (2012) – Muito mais do que lixo a cerâmica do sítio arqueológico subaquático ria de Aveiro B-C, *Velhos e Novos Mundos. Estudos de arqueologia moderna*. Lisboa. 2, pp. 757-770.

FONTES, Luís; FERNANDES, Isabel; CASTRO, Fernando (1998) – Peças de louça preta decoradas com moscovite encontradas nas escavações arqueológicas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. pp. 355-363.

FREITAS, Lília (2013) – *Contributo para o estudo das cerâmicas comuns do Mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães)*. Braga: RepositórioUM.

GONÇALVES, António (1884) – *A cerâmica na exposição distrital de Coimbra*, S.n.

LEITE, José; FONTES, Luís; MARTINS, Manuela, TOMÉ, Joana & MENDES, David (2012) – *Salvamento de Bracara Augusta. Edifício n.º 20-28 da Rua Afonso Henriques (BRA 08-09 RAH). Relatório Final*. Trabalhos arqueológicos da UAUM/memórias, n.º 25.

LEPIERRE, Charles (1899) – *Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna*. Imprensa Nacional.

MAGALHÃES, Fernanda (2019) – *A domus romana no NO Peninsular. Arquitetura, construção e sociabilidades*. Braga: RepositórioUM

MAURÍCIO, Rui (2000) – *O Mecenato de D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga (1505-1532)*. Edições Magno.

MELLO, Adelino (1924) – *História da Cerâmica em Coimbra: Apontamentos*, Lisboa, Portvgália Editora.

OLIVEIRA, Eduardo (1982) – *Estudos Bracarense, 1-As alterações toponímicas (1380-1980)*. Aspa-Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural.

PORTOCARRERO, Gustavo (2010) – *Braga na Idade Moderna: Paisagem e Identidade*. ARKEOS 27.

QUEIROZ, José (1907) – *Cerâmica Portuguesa*. Typografia do Anuário Commercial.

SABROSA, Armando (2008) – As faianças da Casa Côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa. In *Actas das 4.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, pp. 109-142.

SEBASTIAN, Luís (2010) – A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII). Lisboa: RUN – Repositório Universidade Nova.

SEBASTIAN, Luís (2015) – A Faiança Portuguesa de Olaria na Intervenção Arqueológica no Mosteiro de São João de Tarouca, Lamego, DRCN/Vale do Varosa.

TORRES, Ana (2014) – *Sequência de ocupação da Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital: contributo para a análise evolutiva e funcional de uma unidade doméstica em Bracara Augusta*. Braga: RepositórioUM.

VASCONCELOS, Carolina (1921) – *Algumas palavras a respeito dos púcaros de Portugal*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

VASCONCELOS, Maria (1992/93) – A Casa Grande da rua de St.º António das Travessas. *Forum*. Braga, 12/13, pp. 17-42.

ICONOGRAFIA

Mapa de Braga (1594) – *Nova Bracarar Augustae*. Civitates Orbis Terrarum", publicação Georg Braun, Colonia, Alemanha (1572-1618).

CARTOGRAFIA

Mapa da Cidade de Braga Primaz (século XVIII), 1755, na escala aproximada de 1:2000, executado por André Ribeiro Soares da Silva (original propriedade da Biblioteca Nacional da Ajuda – cópia adquirida pela UAUM em suporte digital).

Planta topográfica de Braga (século XIX), de 1883-84, na escala 1:500, executada pelo Eng.º civil Francisco Goullard (original propriedade da CMB).

Planta topográfica de Braga (século XIX), s/d, na escala 1:4000, executada por Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel (original propriedade do Instituto Geográfico Português – adquirida cópia pela UAUM em suporte digital).

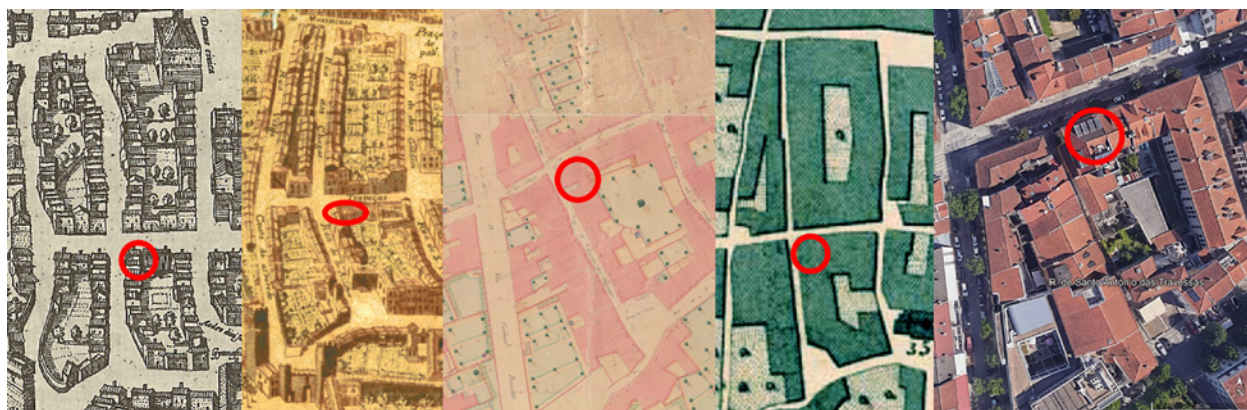


Figura 1 – Localização da intervenção no mapa de Braunio (1594), Mapa de Braga Primaz (1757), Mapa de Goullard (1883/84), Planta da Cidade de Braga (finais séc. XIX) e Google Earth.

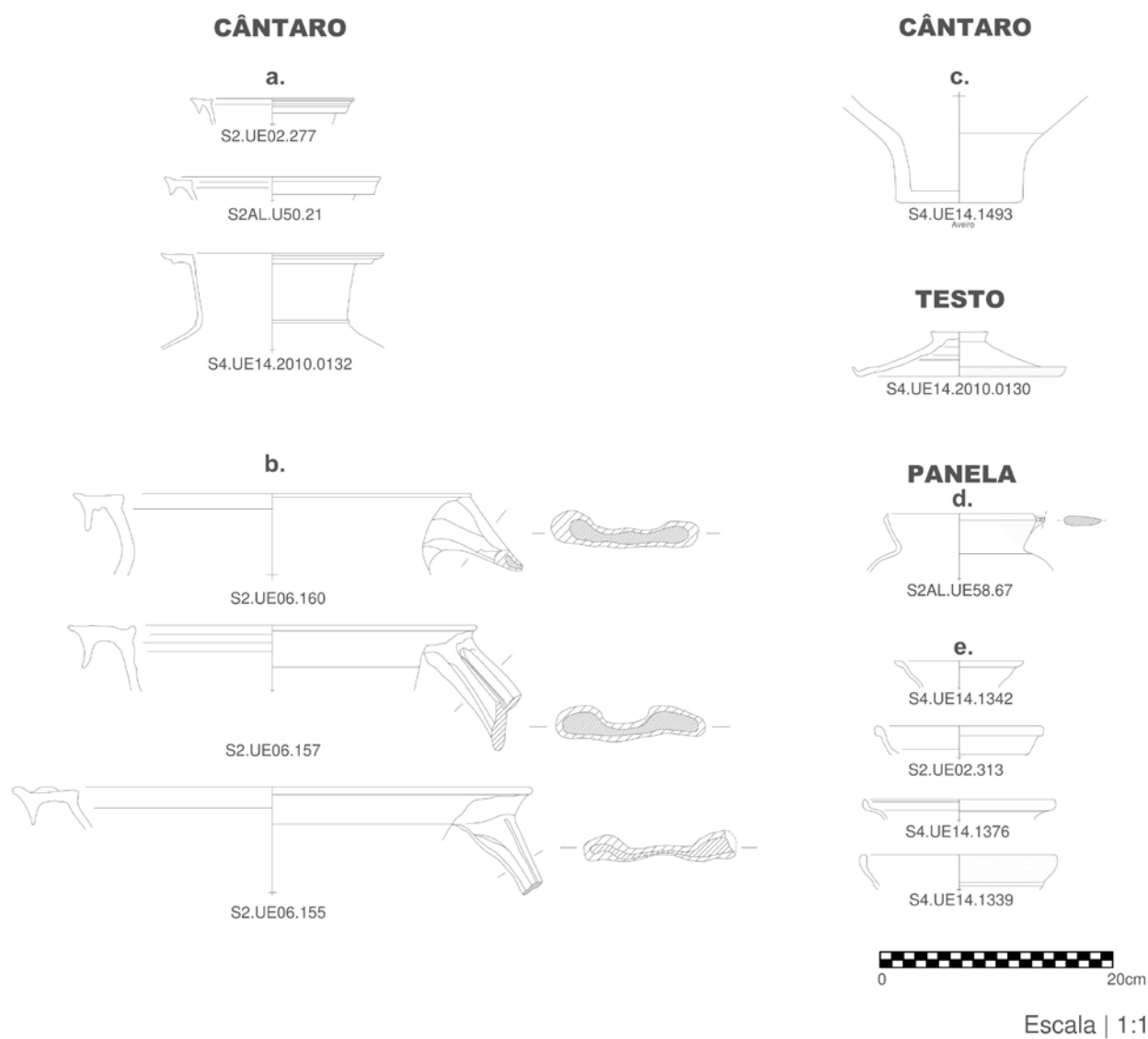


Figura 2 – Exemplos de cântaros, testos e panelas em cerâmica comum.

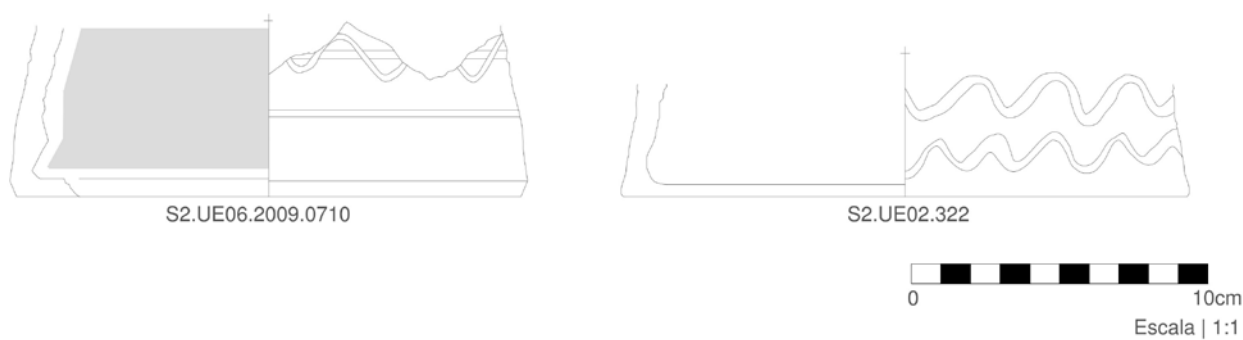


Figura 3 – Exemplos de bases de possíveis fogareiros em cerâmica de produção comum e vidrada.

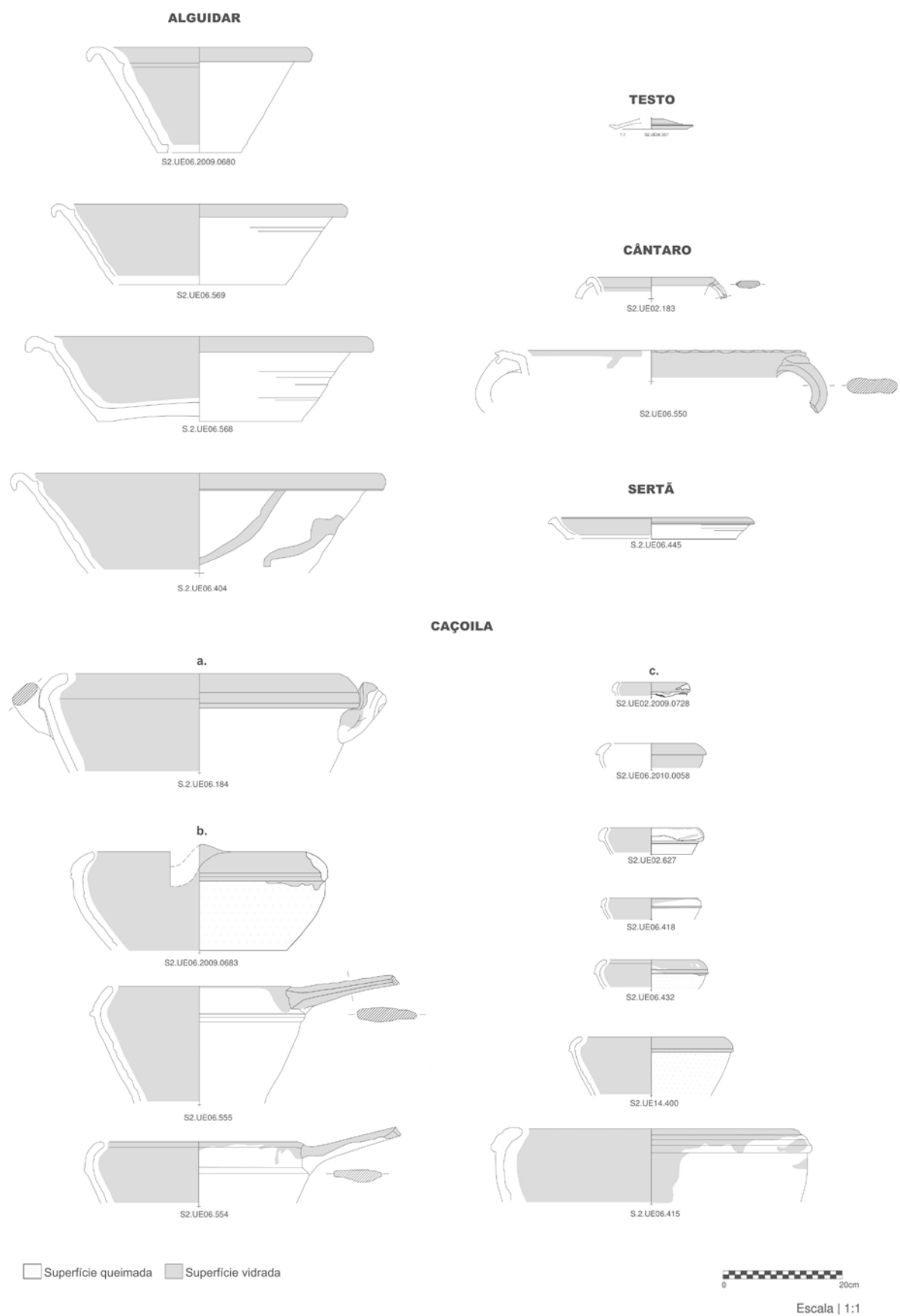


Figura 4 - Exemplos de alguidares, testos, cântaros, sertãs e caçoilas em cerâmica vidrada.

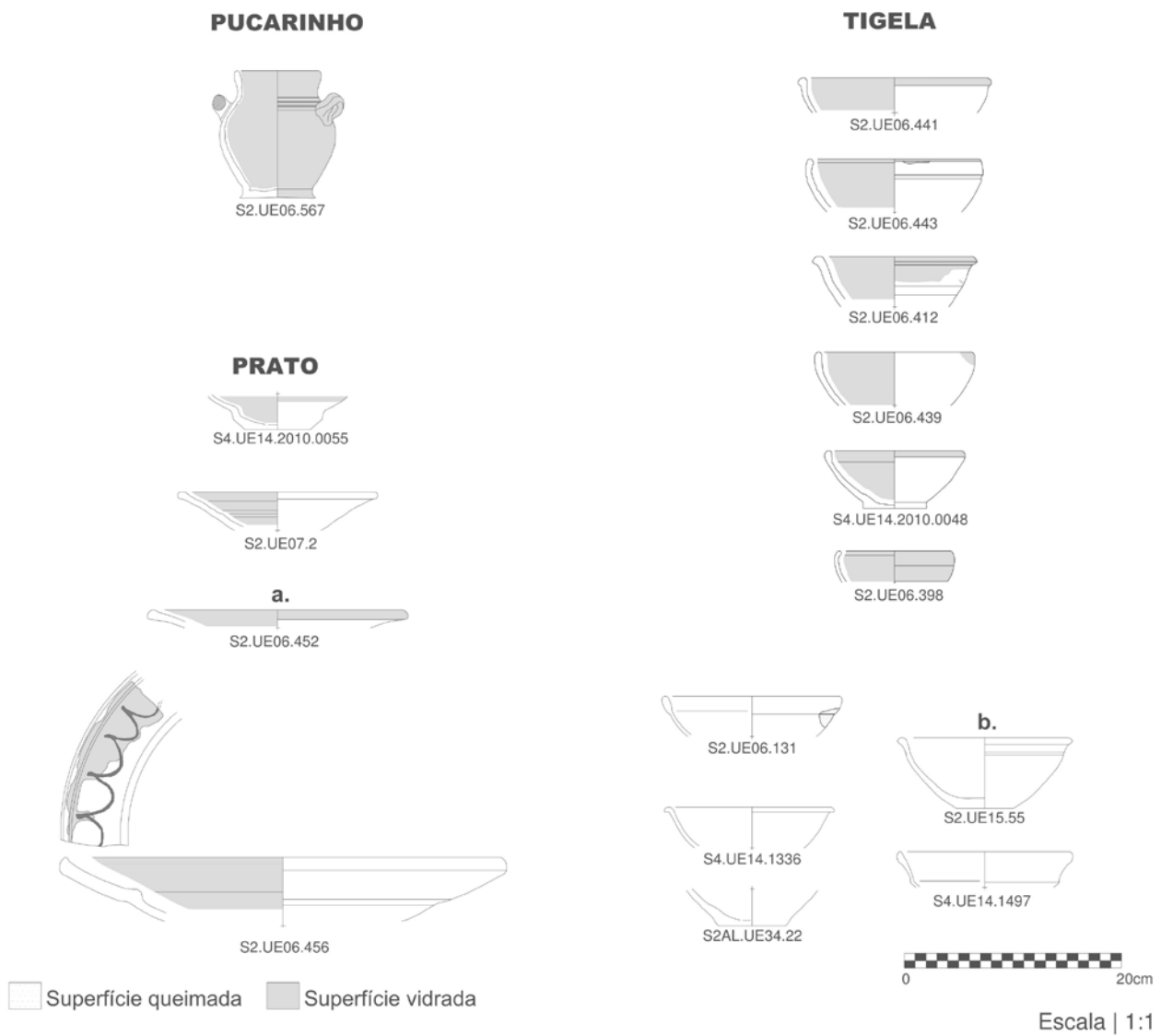


Figura 5 – Exemplos de pucarinho, pratos e tigelas em cerâmica vidrada.

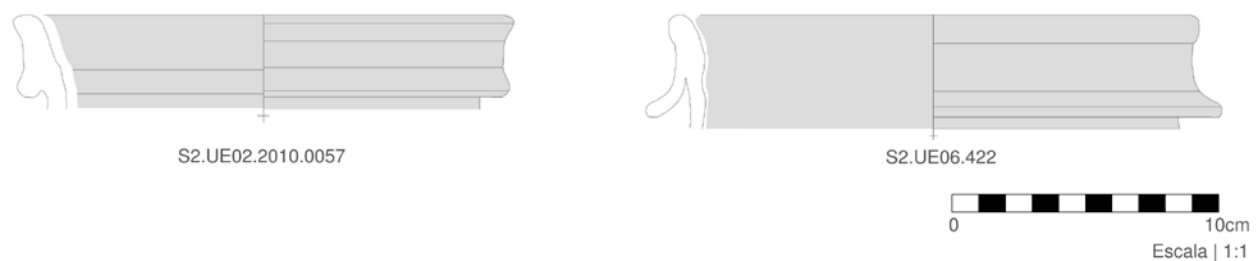


Figura 6 – Exemplos de bordos de talhas em cerâmica vidrada.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**